

A CONCEPÇÃO PLATÔNICA DA ALMA

Aluno (a): Mônica Baptista Costa

Orientador (a): Irley Franco

Introdução

A idéia deste projeto surgiu da curiosidade de entender as concepções de morte na Antiguidade. A fim de delinear melhor nossa pesquisa, tomamos como primeira leitura o livro **A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu**, do filólogo Bruno Snell. Nele, Snell detalha a construção grega da concepção de espírito. Foi assim que percebemos que o importante não era a concepção de morte em si, mas o pós-morte. Deveríamos, em consequência, pesquisar como a antiguidade concebia a vida após a morte. Numa segunda etapa, com base nas informações indicadas por Snell, alguns autores literários clássicos foram lidos e nos serviram como parâmetro sobre uma concepção não filosófica do nosso tema.

Redirecionando nosso tema para as concepções de alma, entendemos que Platão seria o filósofo mais indicado. Não só porque foi o primeiro a trabalhar profundamente a questão, embora órficos e pitagóricos, anteriores a ele já abordassem o tema; mas principalmente porque foi a concepção platônica que influenciou todo o ocidente cristão. E o primeiro texto estudado foi **Fédon**, porque nele podemos identificar como o filósofo elaborou sua concepção de imortalidade da alma.

Objetivos

Investigar o sentido da concepção platônica de alma, o modo como nessa concepção é problematizada a questão da imortalidade, a partir do argumento de três teorias: a dos Contrários, possivelmente inspirada na filosofia de Heráclito; a da Reminiscência; e a das Idéias.

Metodologia

O filólogo Bruno Snell identifica, através de autores filosóficos e literários épicos, líricos e dramáticos, como as concepções de alma e espírito foram construídas pelos gregos, do período arcaico (séc.VIII) ao helenista (séc.I). Tanto no modelo mitológico como no filosófico, como eles entendiam sua capacidade de deliberação sobre a própria vontade, sobre os próprios movimentos; ou ainda sua relação com os sentimentos. Com essas informações, optamos por Homero como autor não filosófico, pois Snell nos diz que foi este poeta épico quem forjou o mundo espiritual dos gregos, sua fé e seu pensamento. Depois dele, a partir da poesia lírica, o homem grego redimensionou suas concepções de espírito e alma, na medida em que distanciava a influência dos deuses sobre as ações humanas. Era já o pensamento racional substituindo o mitológico.

Assim, por meio de Snell temos que, no modelo mitológico referente ao período arcaico, o espírito era concebido por analogia com os órgãos do corpo e suas funções, resumido em dois modelos: o *Thymós* e o *Noós*. O *Thymós* era responsável pelas emoções; e o *Noós* elaborava as imagens por nós captadas. No que diz respeito à alma, era concebida como a *Psyché*, aquilo que animava o corpo e o abandonava na hora da morte [1].

Pensando as concepções de espírito e alma, não podemos deixar de pensar sobre a morte. Aqui, Homero nos traz grande contribuição, pois na *Ilíada*, a morte é evidenciada em toda a obra; e na *Odisséia*, há uma passagem importantíssima especificamente sobre o Hades [2]. Embora Homero tenha construído uma estrutura complexa, que abrange destino (Moiras e

Queres), lugar dos mortos (Hades) e punição para mortos ímpios (Erínias), nos interessa o Hades, pois a concepção platônica já reelabora a homérica e para nós é importante fazer tal distinção. Em Homero, Hades é ao mesmo tempo um deus, irmão de Zeus e Poseidon, que na partilha do mundo, ficou com a treva e a névoa. Contudo, ao falar de Hades, os gregos findaram por referir-se ao nome do deus, mesmo quando tencionavam falar sobre a morada dos mortos [3].

Foi importante entender a concepção não filosófica sobre as idéias de alma e morte, para compará-las com a visão platônica. Platão não as abandona de todo. Em Fédon, Platão discursa especificamente a respeito da alma. Nesse texto, encontramos argumentos sobre o caráter divino da morte; sobre a compensação/punição da alma no Hades; sobre a contemplação pela alma da sabedoria pura no mundo inteligível; sobre a imortalidade da alma e sua circularidade pelos dois mundos – sensível e inteligível.

Para Platão, a morte é etapa importantíssima para o acesso à sabedoria pura, pois é através dela que a alma se liberta do corpo, seu cárcere. O corpo deturpa a apreensão da realidade pelos sentidos. Os sentidos enganam a alma. Através deles, a realidade é captada de forma imperfeita. Com a morte, uma vez consumada a separação corpo e alma, o corpo perece e a alma imortaliza-se. Por isso os filósofos devem desejar a morte. Porque a sabedoria pura está no outro mundo, no mundo inteligível, para onde a alma retorna na sua condição plena.

Temos então que a alma participa, com o corpo, do mundo sensível e após a morte, retorna ao mundo inteligível. Portanto a alma é eterna, não se dissipa. A partir daqui Platão ocupa-se em comprovar a imortalidade da alma, com base na teoria dos Contrários (70c-72e), corroborada pela teoria da Reminiscência (72e-77a). De acordo com a teoria dos Contrários, uma coisa nasce do seu contrário. O feio, do belo; o injusto, do justo; os mortos, dos vivos. E a tendência dos pares de contrários é a exclusão. Para que um se torne realidade, o outro obrigatoriamente deixa de existir. Por outro lado, um contrário pode retornar ao seu inverso. Assim, quanto aos contrários “vida e morte” / “corpo e alma”, se a morte nasce da vida, a vida também deve nascer da morte; se o corpo é perecível, a alma deve ser eterna.

Quanto à teoria da Reminiscência, Platão a conjuga com a teoria das Idéias (77b-80b) e constrói sua argumentação a partir dos contrários “ignorar e saber” / “esquecer e reviver”. Se, no mundo sensível, trazemos sempre a idéia absoluta e perfeita da coisa, mesmo que não haja nesse mundo realidade perfeita, é porque nossa alma contemplou, no mundo inteligível, a idéia absoluta e perfeita da mesma coisa. No momento em que nos sensibilizamos com a coisa, nossa alma revive a idéia até ali esquecida [4].

Conclusões

Segundo o que até agora foi pesquisado, podemos concluir que, uma comparação entre as concepções de alma e morte dos antigos, poderá esclarecer melhor nossa própria concepção de morte e imortalidade da alma.

Referências

- 1 – SNELL, B. **A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001 (coleção Estudos, 168). 326p.
- 2 – HOMERO. **Odisséia**. São Paulo, Ediouro (trad. Carlos Alberto Nunes).
- 3 – HOMERO. **Ilíada**. São Paulo, Arx, 2003 (2 v, trad. Haroldo de Campos).
- 4 – PLATÃO. **Fédon**. São Paulo, Martins Claret (trad. Miguel Ruas).